

## A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

### THE IMPORTANCE OF ETHICS IN TEACHER EDUCATION

15

José Caetano Minus

Mestre em Filosofia, pela Pontifícia Università Gregoriana, Roma, Itália. Atualmente é docente do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto – CEARP

#### RESUMO

As relações harmoniosas se constituem uma tendência humana. Os indivíduos se integram e produzem a cultura. A ética, segundo essa perspectiva, se manifesta na reflexão acerca da conduta e do bem. O artigo, que segue, reflete sobre a importância da ética na formação docente, considerando que, no cotidiano, o professor deve assumir um posicionamento diante de problemas práticos. A educação é afetada por variados dilemas éticos, por isso o objetivo do trabalho é fazer uma análise da importância da formação de professores, tendo como fundamento o compromisso profissional dos educadores. Os desafios da educação, no quesito formação docente, afetam sobremaneira a essência da educação. Nesta perspectiva, o estudo deve ser fundamentado na participação, cooperação, integração, flexibilidade e trabalho coletivo, pois o compromisso de todos, viabiliza as iniciativas pessoais projetada na vivência pedagógica.

**Palavras-chave:** Ética. Docência. Formação. Competência. Habilidades

#### ABSTRACT

Harmonious relationships are a human tendency. Individuals integrate and produce culture. Ethics, according to this perspective, is manifested in the reflection about conduct and the good. The article, which follows, reflects on the importance of ethics in teacher education, considering that, in everyday life, the teacher must take a stand in the face of practical problems. Education is affected by various ethical dilemmas, so the objective of this work is to analyze the importance of teacher education, based on the professional commitment of educators. The challenges of education, in terms of teacher training, greatly affect the essence of education. In this perspective, the study must be based on participation, cooperation, integration, flexibility and collective work, as the commitment of all makes possible the personal initiatives projected in the pedagogical experience.

**Keywords:** Ethics. Teaching. Training. Competence. Skills

## INTRODUÇÃO

A motivação para a elaboração do artigo surgiu da necessidade de refletir sobre a ética no contexto educacional, uma vez que os professores são os principais responsáveis pela formação de seres humanos críticos e comprometidos com a cidadania.

As regras são fundamentos na formação de indivíduos, que almejam a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária; permeada de princípios e valores que edificam o homem, na busca permanente de construção e superação.

O compromisso profissional dos educadores não pode prescindir do processo permanente da formação, considerado um dos elementos fundamentais da docência integral.

O artigo é estruturado em duas partes. Na primeira, conceituou-se a ética na perspectiva de autores como Olinto Pegoraro, Clóvis Roberto dos Santos, Álvaro L. M. Valls, Leonardo Boff.

Na segunda parte, a reflexão girou em torno da relação entre ética e competência docente. As competências foram elucidadas a partir da proposta de construção de um novo profissional docente, com perfil capaz responder às necessidades de uma gestão eficaz.

## CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

A ética é essencial na construção da realidade social. O homem, na sua essência, é portador de uma consciência moral, que o auxilia no ato de julgar as ações, na busca da verdade, do bem e justiça.

Historicamente os conceitos de ética e moral têm significados diferentes, porém com consideráveis vínculos entre si. Na concepção de Boff, ética e moral são sinônimos; a ética é parte da filosofia que as pessoas e a sociedade assumem por princípios e valores, enquanto a moral é fundamentada na vida concreta, na prática real das pessoas nos costumes, hábitos e valores.

A ética seria então uma teoria sobre a prática moral, uma reflexão que analisa os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral.

Segundo Valls (1992, p.7)

(...) a ética é tradicionalmente entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até tecnológica, sobre costumes ou sobre ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.

A ética parte de fatos que procuram refletir acerca de princípios gerais; busca a racionalidade proporcionando conhecimentos sistemáticos e metódicos.

Segundo Pegoraro (1992), na concepção grega, a ética é fundamentada no princípio ordenador, pelo modelo ético e pelos seres inteligentes que o praticam. Enquanto para os cristãos ela tem seu fundamento no princípio criador, modelo ético e criaturas humanas.

Na visão ecológica, a ética ganha destaque uma vez que está atrelada à busca pela proteção da natureza, imprescindível para a manutenção e preservação da vida. Nessa linha de raciocínio Pegoraro (2006, p. 14), afirma que:

Por isso, a bioética e a ética do meio ambiente ganham, hoje, extraordinária importância e obrigam o homem a reconhecer o valor ético intrínseco de todas as realidades terrestres. Deste modo a ética torna-se verdadeiramente universal: vivemos na era da “ética da solidariedade antropocósmica”.

Em âmbito filosófico, Sócrates defende a ideia de que bondade, conhecimento e felicidade se identificam, uma vez que o homem age corretamente quando conhece o bem e, por isso, opta por agir de forma correta, na busca constante pela felicidade.

Segundo Pegoraro (2006, p. 27), Platão, por sua vez, defendia a ideia de que o homem não é só espírito e razão, mas também um ser corporal.

Quem de vocês quereria viver possuindo toda sabedoria, toda a inteligência, toda a ciência e toda a memória que é possível ter, porém com a condição de não experimentar nenhum prazer, pequeno ou grande, e sem nenhuma dor? O prazer moderado e temperado pela sabedoria torna-se verdadeiro e faz parte da felicidade que o homem procura.

Em Platão, os valores são fundamentais para a educação moral do cidadão que almeja a justiça. A justiça impera quando as três classes sociais e os elementos constitutivos do homem – razão, paixão e apetite – são posicionados hierarquicamente. A razão almeja a sabedoria, a vontade aspira coragem e os desejos se equilibram na temperança.

As virtudes são dimensões que movem o homem, determinadas pela natureza da alma. Cada parte da alma possui um ideal que deve ser desenvolvido para seu funcionamento perfeito; com suas respectivas virtudes, está relacionada com uma parte do corpo. A harmonia mostra sua força quando as três partes, na sintonia, agem como um todo. Assim, a justiça gera harmonia na sociedade e no ser humano.

Basicamente três eixos centrais comandam a ética platônica: a justiça na ordem individual e social, a transcendência do Bem e a ordem política presidida pela justiça.

Por sua vez, Aristóteles também considerava a justiça como centro da ética e da política. Segundo ele, a ética é o que fazemos, na busca por uma finalidade boa ou virtuosa e toda atividade humana tende a um fim, cujo ponto convergente é o Bem Supremo: a Felicidade.

Desta forma é possível afirmar que a ética dos antigos se resume em agir conforme a razão, com a Natureza e com o caráter natural de cada indivíduo. Assim, o sentido da vida reside na busca do prazer e das coisas úteis e o ideal de vida deve focar na sabedoria, na virtude e na convivência social justa.

Para Aristóteles, as ações não são uma folha conduzida pelo vento, mas têm um fim a ser atingido. Ora, a finalidade última das ações, em âmbito ético, converge para o bem, que é sintetizado na felicidade.

É digno de nota que o conceito de felicidade é definido a partir da respectiva cultura. Assim, Pegoraro (2006, p. 42) sugere a seguinte reflexão:

Outras pessoas colocam a felicidade ou o supremo bem na honra, na glória e no aplauso que vêm sobretudo da atividade política. Mas Aristóteles pondera que a honra não é um bem interior à pessoa, mas exterior; são os outros que resolvem aplaudir-me. Uma pessoa assim “de fato parece depender mais de quem confere a honra do que de quem é algo individualmente inalienável.

Em suma, o raciocínio é a finalidade específica do homem, e sua realização final é a felicidade, que não se constitui unicamente na contemplação interior, mas no bem-estar exterior, sem o qual a felicidade não se concretiza.

### **A ética e sua abordagem vertical**

Agostinho de Hipona refletiu sobre a felicidade em suas principais obras. Considerado um apaixonado pela busca da verdade, defendia a ideia de felicidade enquanto busca pela verdade. Na sua concepção, a alma e Deus são dois elementos imprescindíveis para se atingir essas duas dimensões da vida humana.

A intenção primeira do bispo de Hipona foi refletir sobre a ética num contexto metafísico e teológico, o foco está voltado para a verdade e a felicidade, e nessa linha de raciocínio, reforça os conceitos Deus e alma.

Nessa perspectiva, Agostinho encontra na ética o verdadeiro bem e a única e suprema felicidade. No entanto, em duas vertentes, ou seja, a ética do amor e da luz na cidade celeste e a ética do conflito e das trevas na cidade terrestre. Na cidade celeste a ética do amor deve prevalecer sobre a ética do conflito.

O itinerário histórico leva à percepção de que a ética de Tomás de Aquino coincide em muitos aspectos com a ética aristotélica, pois ambas convergem para a concepção do fim último.

Tomás elabora uma reflexão ética sobre o homem. Num primeiro momento trata de Deus criador e senhor do universo; em segundo plano aborda a necessidade do retorno do homem a Deus, sempre em vista da felicidade.

Para ele, principalmente aquela criatura que é única e livre, poderia se dirigir ou desviar de seu supremo fim. Portanto, o ser humano que permanece na prática do bem é ético, por outro lado aqueles que desviam do reto caminho, caem em vícios morais e políticos.

Para a ética tomista, na sua essência, o mundo real é direcionado para seu Criador. Deus agraciou o homem com dois focos de luz, verdades da fé e verdades da razão, e por meio dessa luz o homem pode chegar ao conhecimento do Criador.

### O aspecto subjetivo da ética

O filósofo alemão Immanuel Kant operou uma verdadeira revolução na história do pensamento. Foi capaz de elaborar uma síntese entre o racionalismo e empirismo. Ele é considerado uma grande referência de várias teorias éticas que surgiram posteriormente, pois promoveu uma tentativa importante para equilibrar a lei e a liberdade.

Para compreender a proposta kantiana é imprescindível explicitar a distinção entre o mundo sensível e o inteligível. Para Kant, o mundo sensível é um mundo sem liberdade, mundo das coisas naturais, envolvendo sua parte biológica, ao contrário, o mundo inteligível é o mundo da liberdade. Assim identifica-se um conflito entre a razão e a sensibilidade, pois o homem deve seguir seus impulsos naturais ou os apelos da racionalidade?

A moral kantiana encontra-se na passagem do ser humano biológico para o ser racional e a razão prática é o instrumento para compreender o mundo dos costumes e orientar o homem nas suas ações.

Segundo Finance (1967), Kant assume como ponto de partida ético, o fato da moralidade, na qual o homem é responsável pelos seus atos e tem consciência do seu dever. Na ética kantiana, tomar o homem como meio é imoral, uma vez que todos são fins em si mesmos, pessoas morais, que formam o mundo da liberdade.

Em suma, a ética kantiana é formal e autônoma, o imperativo categórico estabelece deveres para todos os homens, independente das situações sociais. Seu comportamento moral pertencente a um sujeito autônomo e livre, faz com que Kant seja considerado o ponto de partida de uma ética, na qual o homem é um ser ativo e criador.

## A ética da vida

A bioética, na sua essência, sempre procurou evidenciar os dilemas ético-morais presentes nas diferentes práticas profissionais, enalteceu o cuidado em relação às condições sociais e da vida humana que são imprescindíveis no quesito dignidade.

Segundo Pegoraro (2006, p. 160), “a bioética cuida da vida, estabelecendo o respeito a ela e suas especificidades: humana, animal e vegetal. Bioética é o cuidado das formas de vida em seu ambiente”.

A ciência, a biologia e a biotecnologia focam seus estudos na vida humana, animal e vegetal, bem como o meio ambiente. Nesta perspectiva, Pegoraro (2006, p. 161) elucida,

A bioética é uma nova maneira de entender a ética dos tempos passados; um mundo novo demanda uma ética nova, adequada às novas condições da vida. A ética é desafiada a reinterpretar suas formulações; ou melhor, a bioética é uma nova leitura da ética. Com o advento daquela, esta re-nasce, re-nova-se, torna-se nova outra vez.

Na mesma linha de reflexão, é de capital importância analisar que o caminho para a sobrevivência da raça humana, passa pelo conhecimento biológico e encontra fundamento nos valores humanos, na busca de participação de outras áreas e definições de critérios e princípios éticos.

A bioética assume uma postura ampla no que se refere à ética ambiental, principalmente no tocante ao uso de animais em experimentos biológicos e do uso indiscriminado de agrotóxicos. Ela não é pautada simplesmente por novos princípios éticos, mas amplia uma série de situações, causadas pelo progresso das ciências biomédicas. Clotet (2006, p. 22), assim a define:

Poder-se-ia definir bioética como a expressão crítica do nosso interesse em usar convenientemente os poderes da medicina para conseguir um atendimento eficaz dos problemas referentes à vida, saúde e morte do ser humano.

O contexto atual instiga a reflexão sobre a fecundidade da ética na pesquisa. É de capital importância indagar se ela é capaz de ser considerada uma ação de estabelecer mediações práticas, no que diz respeito à objetivação de escolhas e valores éticos.

A discussão que se instaurou entre ciência e ética tornou-se um tema central da bioética. Em determinado período da história, a ciência e a ética já estiveram em lados opostos, uma vez que a ética estava amplamente subordinada à religião.



Atualmente o conflito tem sido amenizado pela prática do diálogo. A ética e as ciências humanas buscam um consenso, à medida que reconhecem quantos benefícios a ciência promoveu na área da saúde e desenvolvimento tecnológico, em vista da promoção do bem-estar humano.

Os cientistas procuram seguir normas próprias da área e se responsabilizam pelas conclusões. A partir daí reconhecem que a ética atua no espaço humano dos comportamentos, das decisões e do sentido da vida, cabendo a ela decidir ou não o uso da investigação da ciência.

Repensar a ética, bem como o conceito de pessoa, é o tema mais importante da bioética. A respeito do referido conceito, Pegoraro (2006, p.166) reflete:

Da definição de pessoa decorre diretamente uma segunda questão: em que momento a existência humana é definida e aceita como pessoa? No momento da concepção? Na implantação do zigoto no útero? No momento do nascimento com vida? Estas questões fundamentais interessam diretamente à filosofia, à ética, ao direito, à teologia e à política que estabelece leis, por exemplo, sobre o aborto e o uso de células-tronco para pesquisa científica.

Em âmbito teórico, a ética se distingue do saber científico pela natureza filosófica, que lhe fornece subsídios críticos em relação aos valores. Ela indaga sobre o que é bom, justo e pertinente nas relações humanas.

A ética se fundamenta na reflexão teórica e ação prática. Como reflexão é um convite a pensar filosoficamente sobre o agir humano e os valores que orientam a sua prática. Na abordagem prática, ela busca a objetivação dos valores, dos princípios lapidados pela ação consciente dos homens em situações de afirmação da vida, dos direitos e valores.

Em suma, o campo da ética é amplo, complexo e eficaz. Côncio dessa realidade, na sequência, refletir-se-á sobre sua importância na formação dos profissionais da educação.

## **ÉTICA E COMPETÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Os debates acerca do estudo da dimensão ética na formação de professores, coincide com o que cada profissional da educação deve realizar, sempre em vista de uma ordem que favoreça a evolução harmônica do trabalho coletivo, a partir do agir individual.

Segundo Libânio (2002), ética e moral devem nortear a consciência e funções dos profissionais nas instituições educacionais. As atividades profissionais não devem prescindir da orientação por princípios éticos e morais, cujo dever é envolver o profissional da educação.

A busca pela formação de um sujeito ético envolve um processo de construção gradativo, que se inicia quando ainda falta consciência plena da importância das normas para o convívio, que se dinamiza no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

É inegável a importância da educação no desenvolvimento social, em vista da efetiva construção do ser humano. Sorrateiramente, cada vez mais, é imposta às pessoas a necessidade de domínio do conhecimento e das tecnologias de informação.

A discussão sobre a relação ética e competência repercute em vários segmentos da sociedade. Percebe-se que as mudanças também afetaram significativamente o ambiente escolar.

A ética e a competência na formação docente tornaram-se um tema relevante, porém é importante contextualizar a discussão para uma melhor compreensão. Para tanto, é necessário retomar o significado de competência, bem como o papel da ética na formação dos profissionais da educação.

A escola não se constrói como entidade abstrata. Pelo contrário, é fonte de apropriação da herança social. No tocante ao exercício da profissão de educador, Rios (2003, p.46) afirma:

No interior da instituição escolar, o educador *exerce sua profissão*. A ideia de profissão nos remete à de ofício, que guarda o sentido de dever, de obrigação. A ideia de exercício relaciona-se à ideia de atividade, de *trabalho*. O educador, enquanto profissional, enquanto trabalhador numa determinada sociedade, tem de realizar sua “obrigação” de uma maneira específica.

Segundo a referida concepção, quando é citada a palavra competência, pensa-se no significado de saber fazer bem. É digno de nota que a premissa saber fazer bem como sinônimo de competência, é apresentado em dupla dimensão da competência do educador, ou seja, *técnica e política*.

Mello (1982, p.43-44) apud Rios (2003, p. 46), afirma:

Por competência profissional estou entendendo várias características que é importante indicar. Em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber, de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre os vários aspectos da escola, desde a organização dos períodos de aula, passando por critérios de matrícula e agrupamentos de classe, até o currículo e os métodos de ensino. Em terceiro, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade, que passaria necessariamente pelas questões de suas condições de trabalho e de remuneração.



A reflexão acerca do contexto da competência profissional estabelece um novo paradigma pedagógico, que, por sua vez, favorece uma forma eficaz de atender às necessidades pertinentes à transformação da educação.

Ora, o saber fazer bem carrega uma dimensão técnica: do *saber* e do *saber fazer*, pois ressalta o domínio dos conteúdos, necessários para o exercício do papel do indivíduo, juntamente com técnicas e estratégias que envolvem seu trabalho. O saber fazer *bem* refere-se tanto à dimensão técnica quanto política, pois o que se entende por fazer *bem* também se relaciona com as necessidades estabelecidas pela sociedade.

Segundo Rios (2003), para evitar uma polêmica entre educadores é preciso viabilizar o entrosamento entre os polos da competência, pelo caminho da ética. A atividade docente competente se configura, por meio da responsabilidade do professor, numa ação consciente, intencional, comprometida e ética.

Nesta linha de raciocínio, Saviani (1983, p. 142) apud Rios (2003) ressalta:

Parafraseando Gramsci eu diria que nós estamos ainda na fase romântica da defesa do compromisso político em educação. Nesta fase os elementos da luta contra a concepção técnico-pedagógica restrita e supostamente apolítica se dilataram morbidamente por causa do contraste e da polêmica. É necessário passar à fase clássica, encontrando nos fins a atingir a fonte para a elaboração das formas adequadas de realizá-los. Ora, a identificação dos métodos para atingi-los implica, por sua vez, imediatamente competência técnica e mediante competência política não é possível sair da fase romântica.

Desta forma, torna-se imprescindível definir o que é “saber bem” ou “fazer bem”, sem que haja equívoco em relação ao conhecer o *bem*, pois este *bem* se estabelece em decorrência dos valores “criados” pela sociedade.

Assim, Rios (2003, p. 49) elucida:

Então, temos o professor “bonzinho”, que se relaciona “bem” com os alunos e dedica lhes passar os conteúdos necessários. Temos o orientador “bonzinho”, que procura proteger os alunos das exigências dos professores; o supervisor “bonzinho”, que “compreende” os professores etc. A qualidade da educação tem sido constantemente prejudicada por educadores preocupados em “fazer o bem”, sem questionar criticamente sua ação.

O conceito competência é concebido em sentido duplo: o primeiro diz respeito em ser responsável por algo, o segundo de realizar uma tarefa com precisão. Não existe uma nomenclatura exata do que vem a ser competência, um profissional só pode ser considerado competente quando atinge determinados objetivos, sob certas condições. Portanto, a competência profissional é sempre relativa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais chamam a atenção para a ética como tema que deve perpassar o ensino fundamental em todo país. Reafirma o papel ativo que a escola deve desempenhar na formação moral dos alunos e convívio em sociedade.

Ética no agir profissional constitui uma construção do sujeito que assume a atividade de uma determinada profissão. Essa postura segue alguns princípios morais que leva à construção da ética e favorece a conduta desse sujeito.

Dentre os vários significados de competência, a capacidade de analisar, apreciar e julgar questões assume um certo destaque, outro sentido é a capacidade de saber e de fazer alguma coisa, ligado à habilidade, aptidão.

É digno de nota que uma série de competências deve ser desenvolvida na educação, citamos: competências referentes ao compromisso com os valores da sociedade democrática; competências relacionadas à compreensão do papel social da escola; competências referentes ao domínio dos conteúdos; competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico; competências referentes ao conhecimento de investigação e competências referentes ao gerenciamento do desenvolvimento profissional.

O enfoque na formação do professor não é só o de transformar a prática pedagógica e preparar o profissional para atender às exigências impostas pela profissão, mas também como instrumento capaz de formar o professor, na sua autonomia.

Becker (2001, p. 25) explicita que,

(...) a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participativa. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

A criatividade e dinamicidade requeridas no exercício da docência, bem como os discernimentos autônomos, só poderão ser ativos, na consciência docente, quando mediados por processos reflexivos sistemáticos. Todo trabalho docente deve estar apoiado nos quatro pilares básicos da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

A dimensão ética é orientadora da educação baseada nos princípios morais e justos. A dimensão política, a seu turno, envolve-se com a formação da cidadania e com a construção da sociedade. Na dimensão técnica o professor deve saber lidar com os conteúdos de sua disciplina.

Quanto à formação de professores, os espaços de aprendizagens são construídos no seu contexto de experiências, cultura, valores e ideias. É um processo permanente para a vida inteira e requer o envolvimento individual e comprometido.

Rios (2003, p. 53), defende que é necessário distinguir *subjetividade* de *singularidade*, pois “o singular é o que diz respeito ao indivíduo, aspectos de sua atuação que o distinguem dos demais”.

A sociedade se submeterá a um processo contínuo de mudanças, a partir do momento que o indivíduo também passar por transformações. Segundo Rios (2003, p. 55):

Assim, se ligarmos a ideia de profissão à de trabalho, teremos de explorar a noção de “profissionalidade” do campo da educação. Se quero recuperar o caráter profissional da prática educativa, devo ir ao fundo da questão tanto da dimensão “técnico-ética” quanto da dimensão “ético-política” do desempenho do educador. É preciso fazer aqui uma última distinção: quando me refiro à subjetividade e a distingo de singularidade, para evitar o risco do individualismo, deve referir-me também à distinção *subjetividade/objetividade*, que está no interior da discussão sobre a relação existente entre ética e técnica. A técnica aparece como o espaço da objetividade, que é inadequadamente identificada com “neutralidade”.

No processo educativo, o sujeito se envolve com o que é cognoscível, sintonizado com questões de seu tempo, espaço histórico e passa a reunir, além do conhecimento técnico, atitudes pessoais de respeito, compartilhamento de práticas e participação no trabalho coletivo.

Aliado a uma consciência crítica, o profissional deve articular várias dimensões da sua atividade. Rios (2003, p.57), cita:

Vontade, liberdade, consequência – conceitos que estão sem dúvida no terreno da ética-política. A articulação entre esses conceitos é que nos auxilia na busca da compreensão da competência do educador, pois constatamos que não basta levar em conta o *saber*, mas é preciso *querer*. E não adianta saber e querer se não se tem percepção do *dever* e se não se tem o *poder* para acionar os mecanismos de transformação no rumo da escola e da sociedade que é necessário construir.

O compromisso do educador está vinculado à sua maneira de agir, a um conjunto de práticas e de compreensão da realidade no processo ensino aprendizagem. Os professores devem refletir e produzir tanto os seus saberes como os seus valores. As relações interpessoais devem ser pautadas pelo respeito, humildade, afeto, princípios fundamentais para a convivência e o fazer juntos. Rios (2003, p. 59) complementa:

Assim, o que o educador decide fazer com o saber é extremamente relevante para que sua ação seja qualificada de competente. Poderíamos dizer que, nessa medida, o saber e o saber fazer ganham uma espécie de caráter instrumental. Ou melhor, eles não

têm sentido isolados do *para que* saber e fazer, que afasta a possibilidade de uma suposta neutralidade.

É digno de nota que elementos vinculados à educação, particularmente o lugar do professor no cenário escolar, precisam ser considerados uma vez que a árdua tarefa de ensinar merece ser repensada.

Rios, chama a atenção para a ação do educador, a busca de ensino de boa qualidade e esclarecer o que significa “ensino de boa qualidade”, assim reflete:

Por vezes ele é identificado como aquele que vai “ao encontro das necessidades dos educandos”. Entretanto, com frequência o discurso ideológico mascara o que se faz realmente na escola, sob a alegação de ir ao encontro das necessidades (2003, p. 61).

O aprendizado não se restringe simplesmente ao domínio de algumas estruturas. O ensino corresponde a uma arte, para a qual não existem regras que se mostram eficazes na garantia de sucesso. Muitos são os desafios que a sociedade impõe à escola, e cabe ao professor se envolver, principalmente na ampliação de suas funções educacionais.

Admite-se dificuldades fundamentais no trabalho do educador, segundo Rios (2003, p. 70),

Trata-se de pensar na “parte que nos cabe”, lembrando que, sendo parte, ela está inegavelmente ligada a outros elementos componentes de um todo. E na parte que nos cabe aparece a contribuição da filosofia para a educação, da reflexão crítica, não como norteadora, como vimos, mas como esclarecedora, em sua busca de compreensão.

Há uma reestruturação das práticas de formação docente em virtude do novo cenário da profissão. As múltiplas dimensões exigem do professor, não apenas competência técnica, mas compromisso ético. Só dessa forma, o profissional construirá novos parâmetros para análise de sua prática.

Nesse caso, é de extrema importância a atuação do educador na função de intermediário entre o aprendiz, o educando e a realidade, transformando sua atuação e a si próprio, como mediador.

O professor é simples mediador, afirma Chauí. Alguns podem ver nessa afirmação, isolada do contexto em que é feita, uma concessão à afirmação de que “o aluno é o centro do processo”, diminuindo o significado do papel do professor. O que se quer, entretanto, a partir da diferença dos papéis (porque os papéis de professor e aluno são efetivamente diferentes), é garantir a especificidade e a articulação dos papéis. O professor é mesmo mediador – é específica de seu papel a mediação entre aluno e saber sistematizado, cultura,

realidade. Para essa mediação exige-se um saber fazer bem, precisa-se de uma permanente visão crítica sobre ela (RIOS, 2003, p. 71).

Tal reflexão enaltece a formação docente como condição não apenas na transformação da prática pedagógica do professor e no preparo para atender às exigências impostas pela profissão, mas também na formação de um sujeito autônomo.

O professor deve se reinventar, tornando-se um gestor criativo, cuja ação imediata resulta em conhecimentos práticos, que lhe possibilita respostas eficientes às situações problema com as quais se depara.

O professor deve prestar atenção nas necessidades da sociedade, com caráter dinâmico, como prática social. Assim, o educador deve rever constantemente os significados sociais da profissão. Segundo Rios (2003, p.74),

(...) se o futuro é gestado no momento em que vivemos, nosso desafio está em organizar a sua construção da maneira como o desejamos e como julgamos necessário que ele seja. Começamos a escola do futuro no presente, nas escolas que temos, afirmo. Isso reclama de nós uma primeira atitude: a consideração da realidade, da situação das escolas que *temos*, e o confronto do que temos com o *queremos e precisamos* construir.

A responsabilidade do educador favorecerá oportunidades para que o educando contemple amplas visões de mundo. Ideal que deve ser comungado por todos, tendo sempre em vista um maior compromisso com a formação das futuras gerações.

Para tanto é necessário um trabalho coletivo, a fim de que os envolvidos sejam responsáveis e críticos capazes de aplicar o discurso da liberdade e da democracia. Faz-se necessário uma resposta às novas demandas da sociedade, ao mesmo tempo que diante da realidade do ensino nas escolas, reestrutura-se os processos formativos, a partir da reconsideração dos saberes necessários para a docência.

Em suma, a busca da formação permanente, reafirma a necessidade de um profissional habilitado para compreender, intervir e transformar o contexto escolar, bem como a sua realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teólogo Leonardo Boff reflete sobre a ética segundo concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino. A partir dessa linha de raciocínio, ética, segundo sua natureza, está voltada para uma abordagem relacional do ser humano com o cosmo e consigo mesmo.

A ética encontra-se tanto no campo especificamente teórico, como também nas formulações de códigos morais em diversos setores da sociedade. Ela é reivindicada com frequência, fala-se que é preciso ter ética, agir eticamente e estabelecer códigos de ética.

Há uma tendência da retomada da filosofia ética, que se desdobra no desenvolvimento de novas correntes de pensamento, surgimento do debate ético e multiplicação das discussões. Desta forma, a reflexão axiológica se beneficia de um valor inédito.

Bioética, ética dos negócios, vontade de moralização da coisa pública ou da política, ética e dinheiro. Tudo isso se passa como se atualmente houvesse uma renovação ética e moral, aparecendo o estandarte dos valores como a referência última de nossas sociedades democráticas. Realmente a ética está na moda e a demanda moral parece crescer exponencialmente.

Viver em sociedade é uma conquista laboriosa, não basta o discurso, pois devemos nos comprometer diante de determinados desafios que o ambiente social impõe. Na convivência a presença de regras direciona as relações em busca da harmonia. Essas regras indicam os limites diante dos quais podemos medir as nossas possibilidades e as limitações a que devemos nos submeter.

A ética se posiciona frente ao resultado da aplicação das regras de conduta nas relações sociais e promove uma tomada de consciência em vista da necessidade de seguir regras, com o intuito de atingir o verdadeiro objetivo das ações: o bem.

Portanto, refletir sobre a ética na formação do professor é pautar as ações em vista de uma aplicação eficaz no resultado final do aprendizado. O professor ético cumpre suas obrigações, ensina a viver e acima de tudo, vive segundo princípios e valores que norteiam a formação integral do ser humano.

O desafio não é pequeno, é necessário organizar propostas de formação inicial e permanente. Abordagem que permite ao professor tornar-se sujeito de suas ações, fundamentadas na reflexão do contexto social e nas influências sobre seu trabalho.

Diante das novidades de um cenário que se descortina é salutar repensar as novas competências para ensinar, novos entendimentos sobre ensinar e aprender e como conceber as novas formas de relação entre ética e pedagogia.

A ética profissional docente envolve também investir em educação, na formação continuada ao longo da vida profissional, de forma duradoura, efetiva e eficiente, contribuindo para a transformação da sociedade.

Em suma, a concepção de uma educação integral reflete o processo da relação simbiótica entre ética e pedagogia, por meio de uma prática educativa eficaz, que inspira um conhecimento crítico e de possibilidades contundentes em vista da amplitude do saber.



## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BECKER, F. **A epistemologia do professor**. O cotidiano da escola 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- BILAC, E. D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. C. B. de. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC; Cortez, 2003, pp. 29-38.
- BOFF, Leonardo. **Os desafios contemporâneos para a ética e os direitos humanos**. Palestra proferida no 9º Simeg-Simpósio Municipal de Educação em Guaxupé/MG., 27 de julho de 2007.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Parecer CNE/CP nº 5, aprovada em 13/12/2005. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, Conselho Nacional de Educação, 2005.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Resolução nº1, de 15 de maio de 2006. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, nº 92, 16 de maio de 2006. Seção I, p. 11.
- DAVOLI, G. **Professores motivados, aprendizagem plena**. Palestra proferida no 9º Simeg-Simpósio Municipal de Educação em Guaxupé/MG., 27 jul.2007.
- DEMO, P. **A educação do futuro e o futuro da educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- GENTILE, P. Família e escola: parceiros na aprendizagem. **Revista Nova Escola**, junho/julho, 2006, pp. 32-39.
- GIKOVATE, F. **A arte de educar**. Curitiba: Nova Didática, 2001.
- HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LIBÂNEO J. C. **Adeus professor, Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, E. **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.
- Parâmetros Curriculares Nacionais. **Apresentação dos Temas transversais e Ética**. Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 8 – Brasília - MEC – Ministério da Educação e do desporto, 1997.

---

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.

SEABRA, G. F. **Pesquisa Científica: o método em questão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

VALLO, A. L. M. – **“O que é Ética”**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

30

*O autor declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.*